

O Estranho¹

OSWALDO DE CAMARGO

Se o escuro me relevais
à baça pele que ofusca
vossa estimada clareza,
também vos deixo por nada
o enxurro de tantos medos
nas vossas mentes líricas.
Os vossos doces punhais
aceito-os com meu disfarce
e atrás do muro de um riso
escondo o meu pensamento...

Olhai! A noite que chega,
borrando o vão da janela
é bem conhecida minha...
Eu a carrego em baús
vazios de vossa herança,
e eu a livro, por vezes,
berrando de desespero,
e a minha mensagem viaja
no dorso do uivo do vento.
E vós dizeis, repousados,
se, a medo, vossas faianças
velais, arcados de tédio:
“São lamentos, só lamentos,

1. In: CAMARGO, Oswaldo de. *O Estranho*. São Paulo: Roswitha Kempf, 1984.

aprendizado do eito...”
Senhores, vós não sabeis quem sou,
ah, não sabeis quem eu sou!
Mirai-me o rosto de cobre
combusto de sóis e ardumes,
notai-me o passo, eis que aturo
a estreiteza da senda
que vosso mundo traçou.

Vinde, provai do meu pão!
Abancai-vos a esta mesa,
se conheceis quem eu sou!
Assentai-vos, meus senhores,
provai do meu pão de fel,
repasto useiro em família...
No vosso rosto percebo
enojo ao que vos oferto...
Mas o que é meu tributo
à vossa força e firmeza:
sal e fel e ausência bíblica
de uma “escada de Jacó”!
Senhores, vós não sabeis
quem eu sou
Não, não sabeis quem eu sou!
Mirai-me a face de cobre,
lavrada de sóis e ardumes,
olhai-me o rastro, eis que meço
a estreiteza da senda
que vosso mundo traçou.
Vinde provai do meu pão!
A noite sentada à mesa
é bem conhecida minha...
A angústia serve de ancila...
Eu vos convidei, senhores!
Provai, provai do meu pão!